

Reflexões psíquicas

Por **Cláudio Handrey**

Especial para o Correio da Manhã

O teatro brasileiro, nos anos 1960, alcançou uma efervescência dramática com Nelson Rodrigues, Plínio Marcos, Gianfrancesco Guarnieri, entre outros e de lá pra cá isso se arrefeceu. Um espetáculo, cujo o texto é brasileiro faz de “Limítrofe” um acerto, num país que pouco se interessa pela leitura, limitando a produção de novos autores. O texto de Oscar Calixto é bem engendrado, expondo casos de ansiedade e depressão, um mal do século, em que inúmeras pessoas se encontram adoecidas por patologias psíquicas, vítimas de um processo evolutivo da normalização de fatores, desencadeando sofrimento até o suicídio.

Apesar da austeridade do tema, o autor utiliza o “dramédia”, construindo um embate entre três personagens des-temperados, misturando drama e comédia, suavizando com sabedoria a tensão ao viver com “boderline”, que difere dos neuróticos, por exemplo. A narrativa se desenrola sobre um terraço, onde seres nebulosos discorrem mesclando suas idios-

CRÍTICA / TEATRO / LIMÍTROFE

José Areia/Divulgação



A montagem de ‘Limítrofe’ adota o formato de ‘dramédia’ para tratar de questões relacionadas à saúde mental

sincrasias, ao aludirem conteúdos novelescos e artistas populares. Calixto aborda ainda a questão delicada de um Brasil, onde qualquer um pode se acreditar como artista, mesmo que não tenha talento para isso.

Numa tarefa à quatro mãos, Daniel Dias da Silva e Anderson Cunha conduzem a cena com perspicácia, edificando um espetáculo com climas variados, determinan-

do suspensões, que valorizam a obra, em perfeita sintonia com a proposta reflexiva.

Os três atores se equalizam, corporificando a atmosfera imposta pela direção. Malu Falangola esbanja carisma, fluindo pelo palco, desenhando com aceleração sua bailarina, contrapondo à Raphael Najan, que modela seu ator/galã de tevê com mais tensão, amparado na sua boa emissão vocal. Oscar Calixto estrutura seu escritor com tintas mais exuberantes, carregando em afetações e descontroles. E por vezes, todos, buscam a comicidade pela comoção.

O cenário de Alexandre Porcel, muito adequado, revela detalhes do alto de um prédio, com porta de entrada para a cobertura, um letreiro de led ao fundo e uma mureta com sinalizadores. Figurinos acinzentados, de Luana de Sá, abriga as personagens, num prenúncio fatal. Tudo isso iluminado por Anderson Ratto, que evoca um ambiente sombrio e luzes ao chão, que clarificam os momentos em que Claudia e Paschoal tentam se matar, como se o inferno dentro deles estivesse banhado em profusão. Felipe Tauil instaura uma trilha instigante, com uma Gloria Groove, apropriadamente dialogando com a encenação.

“Limítrofe” aponta maldições, que atormentam nossa consciência e para que não nos tornemos algozes de nós mesmos, deveríamos cuidar o quanto antes.

SERVIÇO

LIMÍTROFE
Teatro Dulcina
(Rua Alcindo Guanabara, 17 - Cinelândia)
Até 26/10,
de quinta a
sábado (19h) e
domingos (18h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Sob pressão

“Zero Grau” segue em cartaz na Casa de Cultura Laura Alvim. A montagem acompanha Amanda, jovem de família abastada que enfrenta pressões para ser feliz e bem-sucedida, mas vive em crise existencial sobre sua identidade e propósito. Durante tratamento psicanalítico, ela se vê diante de escolhas decisivas sobre seu futuro. A peça utiliza metalinguagem ao estabelecer diálogo com “Hedda Gabler”, de Ibsen, criando paralelo entre a ficção vivida pela personagem no palco e os dilemas de sua própria existência. Até o dia 26.

Divulgação



Humor cotidiano

O Teatro Miguel Falabella recebe até o dia 26 “Agora É que São Elas!”, com Júlia Rabello, Maria Clara Gueiros e Priscila Castello Branco. A montagem reúne nove esquetes criadas por Fábio Porchat que exploram situações cotidianas com humor afiado. Entre os quadros, destaque para “Números”, sobre um casal confuso com senhas do dia a dia; “Superstição”, que retrata o encontro de amigas com visões opostas sobre credulidade; e “Selfie”, em que uma fã critica a atriz que diz admirar.

Divulgação



Finais e recomeços

“Ela, e Algumas Histórias”, com Francisca Queiroz e Claudio Gabriel, acompanha uma mulher que reconstrói a vida após o fim do casamento, equilibrando maternidade, carreira e novos relacionamentos. A narrativa transita entre memórias e presente, abordando com sensibilidade e humor os desafios enfrentados pela mulher moderna diante de transformações sociais e tecnológicas. O espetáculo propõe reflexão sobre recomeços e as múltiplas facetas da identidade feminina. Até 26/10 no Teatro das Artes.